

A ILLUSTRACÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO: 13, rue VOLTAIRE.

Dirigir todos os pedidos de subscrições e numerar
avulsos em Portugal ao Sr. David Corazzi, 48, rue
de Valenciennes, Lisboa; e no Brazil, ao Sr. José de
Mello, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.

Preço do número à Paris, 1 franc.

3.^a ANNO. — VOLUME III. — N.^o 10.

PARIS 20 DE MAIO DE 1886

Gerente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURES:

ANNO (COTE) (RTK)	12,000 REES.
SEMIESTRE (EAGY) (RTK)	6,000 —
ANNO (PROVINCA) (RTK)	14,000 —
ANNO (ULSO)	500 —



SALON DE PARIS DE 1885. — A ORPHA. — (Quadro de Henner.)



CHRONICA

« GERMANO »

DRAMA EM CINCO ACTOS EM VERSO

RECEBI ha dias e li com verdadeiro interesse literario o drama que occasionou tão acalorada discussão nos ^{formas} lisboenses, entre o auctor, sr. Abel Acacio, e os actores do theatro de *St. Maria*. E com tanto mais interesse, quanto aprecio de veras o talento do moço dramaturgo, e quanto tenho em muita conta o timo theatral dos artistas que ora dirigem a nossa primeira scena, fazendo quanto em suas forças cabe para que *St. Maria* esteja á altura das primeiras scenas parisienses.

Não é na questão, que teve um tão lamentavel epilogo, que eu quero hoje intervir, dando a minha opinião sincera d'espectador. Não li todas as cantas publicadas. Mas estou certo que d'esses caros nada se extrae que interesse á litteratura ou ao publico.

Escripções por mercediaes, ellas não podiam ser senão o que foram — um torção de epigrammas e apostrophes mais ou menos correctos e mais ou menos polidos, d'uma parte e d'outra. E quando chegou o inevitavel momento em que não havia mais apostrophes com que atiar — os contendores trataram de se convencer mutuamente de que ambos tinham razão, n'uma scena de pugilato de que nós todos tivemos conhecimento pelas gazetas.

O genero, infelizmente, é bem portuguez. Todas as questões — litterarias, artisticas, scientificas ou religiosas — se resolvem na nossa terra ao sócco.

Santo Deus! Quando chegará o ambicionado dia em que puidamos de parte estes restos de selvagismo? Quando despostrará o ambicionado dia em que, para ser critico, um homem antes de estudar nos livros, não precise estudar a jogar o pau?...

Eu não conheço officio mais perigoso, nem mais odioso, em Portugal, do que o de critico — passar um individuo o seu tempo a commentar defeitos e bellezas diante d'um grupo de leitores...

Se se procura explicar ao publico que o sr. Palmeirim é um mau poeta e um mau critico dramatico, o mesmo sr. Palmeirim — que eu creio ser uma excellente pessoa — tem desejos de nos estrangular.

Se se procura provar que o sr. Cunha Seixas, com o seu *Pantufismo na Arte* é o reformador mais chinês que o Occidente possui, o mesmo philosopho sente desejos e tem impetos de nos meter uma faca no coração.

E assim por diante. De modo que, á excepção de opiniões benignas que uma pessoa possa ter acerca da *nuvem que passa*, da *aurora da liberdade*, ou da *alavanca do progresso*, — ninguém pode dizer, afortunadamente que o mais massador dos dramaturgos (alludo a Osorio), teve a suprema habilidade de encontrar um massador ainda maior do que elle para o discutir (alludo a Palmeirim), sem correr o risco de receber varias balas nos miolos — dois ao mesmo tempo.

Meu caro collaborador. Sabe como eu costumo ser franco, como eu sei tambem que o sr. ama a verdade, que ama tudo quanto é sincero, todas as opiniões que são a expressão exacta d'um espirito independente.

O seu *Germano*, como obra litteraria para ser lida, ^{possue grandes qualidades} como obra dramatica para ser representada ^{possue} muitos defeitos.

O meu amigo procurou escrever um drama realista — se não gosto da classificação chamamos-lhe um « drama moderno » — e escreveu-o em verso. E escolheu para a sua peça o verso essencialmente portuguez, para protestar d'algum modo contra o « alexandrino », que importado de França na quadra em que todas as poetas do universo tinham os olhos fixos em Victor Hugo, fez com que ao lado do grande Guerra Junqueiro apparecessem uns pseudo-poetas que, de liberdade em liberdade, chegaram a esta inuadicação de prosa rimada que tanto caracteriza a poesia dos novissimos.

Aqui temos já um motivo para o elogiar. Porque razão havemos nós, portuguezes, de deitar para o canto o verso heroico e preferir o ao « alexandrino » que só é bom, e elegante, e sonoro, em francez, ou então trabalhado por um artista excepcional como Junqueiro? E porque razão tambem os nossos poetas, em vez da imitação acanhada do *tristão*, não procuram cultivar o *villancete*, tão gracioso, tão fino, tão fidalgo, e de que temos tão bellas modellos em Bernardino Ribeiro e outros poetas posteriores?

Resultados da ignorancia primeiro, e da moda em seguida. Mas quando todos que sabem fazer uso d'uma pena se decidiram a uma resistencia e a um combate inegricos, tratando com a mesma crueldade critica amigos e indifferentes, podemos estar certos de que alguma coisa se fará para bem das letras nacionaes.

O seu *Germano*, meu prezado camarada, procura representar o typo do Artista, do Homem de Talento, saindo do nada, quasi sempre da miseria, algumas vezes sendo o fructo d'um crime d'amor — como na sua peça — lutando, lutando sempre, comecendo os longos dias sem pão, a miseria, sofrendo o desdém ou a indifferença dos burguezes, vendo o seu amor sacrificado, o seu ideal incomprehendido, a sua alma de luto e o seu coração em sangue, e depois d'uma luta tragica e cruenta em busca do respeito e de gloria, saindo da vida ou pela porta d'um hospital de doidos, ou — como no seu drama — pelo suicidio.

Repare que eu não o censuro, ao ver um moço escriptor tão possuído de modernas theorias philosophicas e litterarias como o sr. é, ir servir-se d'um typo essencialmente romantico, em cujas veias correm alguns globulos do sangue de *Hernani*, do sangue de *Ruy-Bias* e mesmo do sangue do pintor Luiz Fernandes da *Morgadinha* de Pinheiro Chagas. Eu cheguei já ao estado em que se soni, quando algum ingenuo falla pomposamente de *realismo*, de *romantismo*, ou de *classicismo*. Escolas não ha. O que ha, é, conforme as epochas, maneiras differentes de cada qual se exprimir — e talento. O *realismo*, o *romantismo* e o *classicismo* são cousas que se inventaram para os tolos. Um tolo pode ser *realista* como pode ser *romantico*. Tudo se resume a um processo, a um segredo, a uma receita. Conhecida a receita, todos os tolos podem passar por homens de talento — mas por fim não passam, por que elles passaram com a Moda. E só o Talento ficou de pé.

Quanto a mim, o defeito capital do seu drama é ser escripto em verso — em verso heroico. Porque no drama ha um lado de grandeza, de inspiração, a que se coaduna perfeitamente a fôrma poetica, quando apenas se assiste á luta

pelo ideal e á paixão que Germano alimenta. Mas ao mesmo tempo surgem-nos de todos os lados mil incidentes vulgares e banaes da vida lisboeta, que só poderiam ser tratados n'uma prosa caustica e alegre como a de Sardou ou de Pailleron, e que prejudicam portanto toda a grandeza que o auctor quiz imprimir ao seu drama.

Vejam o retrato que de si faz o proprio Germano:

Não passo d'um ingenuo visionario,
Caprichoso, rebelde e solitario.
Um Tannulo do Ideal. Um pobre idiota
Relato de ambigües. Um triste ilota,
Que nreia a um sonho de gloria acorrentado.
Todas as tensões me não faldado.
Embora! Hei-de lutar, lutar, lutar!

Mais adiante exclama:

Eu amo ideias!
Sou um crente que vive pelas areias
A demandar a Meca do Ideal
Na caravana do almu...

Mas o que imaginam que ambiciona o nosso visionario? Ser o primeiro classificado n'um concurso para Inspector da Academia de Bellas Artes, e que a amante d'um ministro o recomende com instancia áquelle que ha de assignar a nomeação...

A partir do instante em que o leitor advinha e comprehende que está diante, não d'um grande personagem de tragedia, d'um vulto vivendo n'uma atmosfera superior, na atmosfera em que vivem as verdadeiras obras d'arte — mas d'um amantissimo distancado em genio, a nobreza poetica desaparece, a grandeza dramatica desaparece tambem, e diante de tudo quando o auctor escreveu a serio, nós involuntariamente vamos sorrindo, como certamente haviamos de sorrir se vissemos os *Huguenotes* cantados por um Raul de frack e chapéo alto, e uma Valenti-na vestida pelas costureiras d'hoje.

Esto é a impressão da leitura. Ora estes defeitos no palco seriam terriveis, e tanto mais terriveis quanto o sr. Abel Acacio não fez mais do que seguir a detestavel tradição do chamado « theatro portuguez » que consiste em nada cuidar o interesse theatral, dramatico, d'uma peça, e em querer salvar todas as situações por meio de longos discursos.

Hoje em dia o theatro é essencialmente realista. Os dramaturgos como Augier, Dumas, Sardou, Pailleron, Feuillet e Gondinet, só procuram nos seus dialogos a verdade, o pensamento expresso no menor numero de palavras — primeiro: porque é o que nós fazemos a cada instante quando fallamos; e segundo: porque a primeira condição para a vida d'uma peça é o movimento, o enredo, ou o drama, como lhe queitam chamar.

Repito:

O *Germano* tem uma parte altamente dramatica — a luta pelo ideal. E ali que o auctor deve cavar, e achará o ambicionado filão d'ouro. Essa parte, bem meditada, bem estudada, bem desenvolvida, pode produzir uma peça no genero das de Coppée e Vacquerie. Mas para o bom exito da empreza é necessario que, á grandeza da ideia e da acção, ande ligada a grandeza das scenographias e dos costumes. Porque um drama moderno, com typos d'hoje fallando em verso, não resiste á critica. O verso é uma convenção — porque nós fallamos em prosa. Pode-se aliada fazer uma graciosa comedia, como esta delicada e finissima comedia que se chama a *Mantilha de renda*. Mas desde o momento que se entra pelo alto drama, em verso, ou elle ha de ser historico — ou ninguém o atura.

Depois, ha descuidos no *Germano* do sr. Abel Acacio que não deviam ter passado na edição.

Ha descuidos; liberdades poeticas que são verdadeiras anarchias poeticas; e erros graves. No primeiro acto esta rima:

Nunca adule! ninguém!... Que indignas coisas
Vem tu propôr-me, Carlos! Como é que ouzas

Mais adiante este erro:

Um thesouro! Imagina — é de Pouchin! ?
O meu prazer no vôl-o não se exprime!

Agora este verso:

Isso é qz: d... ah! ah! sim senhor, vêr bem!

E uma dama que está com tosse dá origem a versos como este:

Não ha remedio... hãan!... que eu lha não faça.

e como este:

A verdade... hãan! hãan!

Vou apresentar-lhe

Mais uma rima anarchica:

É um escandalo. Pois diz-se
Que vai a viscondessa, a D. Alice.

E assim continua rimando *tosse* com *fosse*, *coisas* com *ousas*, *bello* com *tel-o*, *dis-se* com *viase*, *opoponax* com *detrax* (b), *posto* com *aposta*, *ontas* com *rubis* (b), *padrão* com *esse*, *coisas* com *Somtas*, *assar* com *Foanna d'Anc* (b), *bric-à-brac* com *vamos lá*, *nasce* com *face*, *só* com *landeau*, *kermesse* com *floresce*, etc.

Mas outras rimas ha que não são só imperdoaveis, que chegam mesmo a ser incompreensíveis. Têmham a bondade de ler attentamente.

Primeira:

GERMÃO

Ella anima-me! Receio
Abusar...

MARIA

Abusar!... Ah! eu bem sei o
Escasso valimento que as mulheres
Têm nos largos, nos acrios alforeses
Do sexo lento...

Segunda exotica. — Falto-se de camisas e de roupa branca:

E branquebas... A pinto, — imaginey!

MARIA

Pois elle veste d'isso?

CANTOS

En M-o, e nem
Entre... Oh! que gentilha que lá ia!

Tercera e quarta rimas phantasistas e incoherentes:

GERMÃO

Não ha um raio ali que me amiguel! ..
Escarnucom-me, insultam-me... e eu tão vil e
Desprezível, que apenas limpo a face,
E não me soube a terra, e vivo!

VISCONDESSA

Ah! se
Soubesse com que ansia tenho andado
A procurar-te...

Quinta, também curiosa:

Mas como isto se pede! Tem o curso
Superior de Letras... Ah! não é
Amphibero... Quasi... Creio que (b)
Saberá ler por cima.

Sexta rima extravagante:

Não é hoje um axioma consagrado
A lucta pela vida?... Bem! eu cá do
Meu laito vou luctando!

E a septima, para concluir:

Isso é um ventro a pedir odo do riccho
É um syphilo entupido...

VISCONDESSA

Porco!

VISCONDE

Dize-o, tio

Grémio homam o Rogério, por chalaça,
E achacamille todos muita graça.

Que o meu prezado camarada de letras não veja n'esta chronica, escripta um pouco sobre o joelho, apenas uma preocupação de olhar com maus olhos para o seu drama.

Tem muitas qualidades, como também tem muitos defeitos. Quanto a mim, o erro principal é o auctor ter-se servido para uma vida dramatica acima do commun, de typos vulgares e ridiculos da sociedade lisbonense. Porque o *Germano* encontra uma excellente ideia — a lucta pelo Ideal — para um drama generico, no genero das de Victor Hugo. Mas justamente porque a ideia é excellente e o typo principal muito nobre, por isso mesmo o auctor deve ter todo o cuidado — quando fizer a peça que ha no seu drama — de não deixar aproximar o seu personagem de typos que o amesquiem.

No *Germano* ha assumpto para um bello drama em verso, e também assumpto para uma comedia ligeira, de costumes, em prosa. Reunir estas duas qualidades n'uma só peça, é um defeito. O *Germano* tal qual elle é, não poderia resistir sobre a scena. Mas o auctor já conseguiu muito, provando-nos com o seu drama que tem muito talento, e deixando-nos antevar um dia proximo em que elle sobre o palco conquiste um lugar distincto.

E não me leve a mal, a mim, pobre prosador, ousar marcar defeitos na factura dos seus versos. Mas a primeira qualidade da obra d'arte é justamente a correção, o bem acabado, embora ella encontre hereses e inconverencias capazes de fazerem empalidecer o sol...

MARIANO PINA.

O CASAMENTO DO PRINCE REAL

A ILUSTRAÇÃO publicará nos proximos numeros todas as gravuras mais notaveis que os jornaes estrangeiros publicarem acerca do casamento de Sua Alteza o sr. D. Carlos e das grandes festas que se realisaram em Lisboa.

Por absoluta falta d'espaço — para dar lugar aos retratos dos dois principaes da casa d'Orléans que foram a Lisboa assistir ao casamento do principe D. Carlos, as duas importantes gravuras do «Salon» de 1886 e a gravura do assassinato do bispo de Madrid — vemo-nos ainda hoje forçados a interromper a nossa serie de *Jornais e Jornallistas*, e a reservar para o proximo numero uma photographia representando a inauguração do monumento aos Restauradores de 1840, que ha pouco se realisou em Lisboa.

Publicar-emos no proximo numero, bem como a reprodução das *Novidades*, de Lisboa, com o retrato do seu antigo redactor em chefe, hoje ministro das obras publicas, sr. Emygdio Navarro. A biographia do illustre jornalista será firmada por um moço escriptor de incontestavel talento, o sr. Carlos Lobo d'Avila.



AS NOSSAS GRAVURAS

O SALON DE PARIS DE 1886

A EXPOSIÇÃO annual de Bellas-Artes abriu este anno, como todas os annos, no dia 1.º de maio. No *Salon* actual ha nada menos de 2.500 quadros, sem contar as obras da secção d'esculptura, e a critica parisiense tem sido unanime em affirmar que este *Salon* contém varias obras-primas que hão do marcar epocha na historia artistica do seculo XIX.

Os nossos leitores — nossos fieis amigos — sabem que a *Illustração* poderá ter praticado na sua existencia de trez annos algumas faltas, mas que nunca desprezou um só instante a quanto artistica, a mais sympathica, a mais nobre, a mais bella, e que forma todo o valor e todo encanto dos nossos volumes d'anno.

A *Illustração* procura ser e tem sempre em vista ser, além d'um jornal d'actualidades e assumptos portuguezes e brazileiros — um archivo da arte moderna.

E assim que nós — representados na pessoa do nosso director Mariano Pina — tratamos de obter dos artistas que mais brillantemente figuram no *Salon* d'este anno authorisação para reproduzirmos os seus quadros.

Não imaginem que isto seja coisa facil. Já não é preciso fallar dos artistas que tem a mania de não deixar reproduzir uma unica das suas telas. Basta dizer que todos os pintores do *Salon* tem mais ou menos contractos por annos com editores de Paris, para a reprodução e venda exclusiva das suas obras, e que estes não permitem depois qualquer reprodução seja por que preço for.

E por tanto necessario obter, antes da abertura do *Salon*, as authorisações — advinhar, por assim dizer, os quadros dos mestres que hão de ter um grande successo e mantê-los immediatamente reproduzidos.

Hoje publicamos duas telas notabilissimas — a *Orphée* de Henner, e o *Acordar de Julietta*, de Albert Maignan.

Não é um artista desconhecido para os leitores da *Illustração* o pintor Henner.

No numero da Semana Santa, o n.º 7 d'este anno, publicamos nós uma gravura reproduzindo a sua famosa tela *A Freixa*. O quadro que hoje reproduzimos é mais uma obra de grandissimo valor, que Paris n'este momento admira com extraordinario interesse.

A *Orphée* é uma pagina simples, tratada com immenso sentimento. É a obra d'um pintor e é ao mesmo tempo a obra d'um poeta — porque só um poeta saberia produzir em palavras esta expressão doentia e luctuosa, e ao mesmo tempo com quasi inconsciencia do desgosto, traduzida na serenidade d'uma deliciosa physiognomia de criança destacando d'um fundo de crepusculo.

Como vêem, o assumpto não pode ser mais simples nem mais grandioso. É um quadro de mestre, tratado com mão firme e superior.

MONUMENTO A LA FONTAINE

N O passado numero a *Illustração* publicou uma gravura extrahida dos primeiros fasciculos da grande edição em portuguez das *Fabulas de La Fontaine*, illustradas por Gustavo Doré, edição que está obstando um êxito enorme tanto em Portugal como em todo o Brazil. É a razão d'este successo facil e de explicar — attendendo ao nome do fabulista, a fama universal das obras de Gustavo Doré, a primeira tradução em portuguez que reúne as traduições mais notaveis dos poetas fallecidos e traduições dos poetas nossos contemporaneos, ao primor da impressão e á modicidade do preço.

Hoje para que chamamos a attenção dos nossos leitores, é para o projecto do monumento que Paris e a França vão brevemente erigir ao seu grande fabulista. E isto prova o quanto a obra de La Fontaine é immortel, estando sempre presente no espirito não só dos escriptores e dos poetas mas tambem no espirito do publico. E que as *Fabulas* constituem o grande volume da sabedoria humana, e La Fontaine fez mais com os seus versos que muitos moralistas ligando á posteridade dezenas dezenas de volumes da mais cruel e terribel sensaboria.

Noa fins do mar d'Atlântico realisou-se em Paris no Palacio do Trocadero, uma grande manifestação litteraria e musical cujo producto foi destinado á construcção do monumento a La Fontaine. Depois, abriram-se subscrições em toda a França que tem attingido taes proporções que é de crer que o monumento será erigido dentro d'um anno.

O projecto approvedo pela commissão executiva é o que a *Illustração* hoje publica. É obra do escriptor francez Duimilenc, obra d'um artista distinctissimo, que



MONUMENTO A LA FONTAINE

soube reunir n'este monumento todas as personagens mais conhecidas das Fábulas como Mestre Coque, o Leão rei dos brutos, os dois Pombos, a Raposa, etc.

Este bello monumento, feito para consagrar a gloria incontestada e universalmente reconhecida do bom La Fontaine, erguer-se-á em pleno coração de Paris. Será mais uma esplendida obra d'arte a admirar na capital da arte.

O DUQUE DE CHARTRES

TERMINAMOS hoje a nossa galeria dos príncipes da casa d'Orléans, dos que mais conhecidos vão ser do publico português. Em consequencia do casamento de S. A. o sr. D. Carlos com a principessa Amélia.

O duque de Chartres, Roberto d'Orléans, que foi a Lisboa assistir a esse casamento, nasceu em 1840. É irmão do Conde de Paris. Possui um temperamento de soldado, reclamando o movimento incessante, a vida de campanha, os seus perigos e as suas glórias.

Formou-se na arte militar na escola de Turim. Fez as suas primeiras armas no exercito piemontez, assignalando-se, como effere, no regimento da cavallaria de Nice. Mais tarde encontrarmos na guerra da America, ao lado do seu irmão mais velho, o Conde de Paris. Conservou-se sempre nos postos avançados, arriscando a vida em muitos combates, com uma coragem quasi temeraria. Quando deixou a America, empreendeu longas viagens com o fim de se instruir, e escreveu paginas interessantissimas sobre quotidiaes militares.

Em 1870, na guerra franco-prussiana, tomou lugar no exercito francez, e tão bravo e tão intrepido se mostrou, que o exercito lhe deu o cognome de Roberto, o Forte.



O DUQUE DE CHARTRES, irmão do conde de Paris.

Mais tarde, nomeado cavalleiro da Legião d'Honra por indicação do general Chanzy, partiu para a Algeria onde novamente combateu pela França. A sua carreira militar faz honra aos mais bravos, e o Duque de Chartres é um dos soldados mais respeitatos do exercito francez.

Em 1868 o príncipe casou com sua prima Francisca d'Orléans, filha do príncipe de Joinville.

A duquesa tem quatro filhos, dois filhos e duas filhas. A mais velha casou o anno passado com o príncipe Waldemar da Dinamarca. A este casamento assistiu em Paris a imperatriz da Russia e o príncipe de Gales.

O ATELIER

DA SRA. DUQUEZA DE PALMELLA

D'UMA bella photographia do sr. Rocchini mandamos fazer uma photographia representando o atelier de escultura da Sra. duquesa de Palmella, hoje que esta senhora de novo expõe dois bellos trabalhos no Salon de Paris, e que nós contamos reproduzir em breve na nossa revista.

A sra. duquesa de Palmella é uma notabilissima escultora que ainda ha dois annos mereceu os elogios da critica parisiense, quando expoz no Salon o Diogenes, que se acha publicado no 1.º volume da ILUSTRAÇÃO.

O bello e vasto atelier que hoje reproduzimos achava-se installado no magnifico palacio do Rato, em que mora a sra. duquesa. Ao centro do atelier ainda se vê a maquette em gesso do Diogenes, a que acima alludimos, uma escultura de grande mérito, pela correção e magestade das linhas, e que tão brilhantemente figurou entre as obras dos artistas francezes que expunham no Salon de 1884.



LISBOA. — O ATELIER DA SRA. DUQUEZA DE PALMELLA

O atelier em si, como estão vendo, é principesco. É ali que trabalha com verdadeiro entusiasmo e verdadeiro amor da Arte, um dos esboços mais notáveis da aristocracia portuguesa.

BELLAS-ARTES. — O ACORDAR DE JULIETA

A ESPLÉNDIDA gravura assignada Charles Baudouin que occupa as duas paginas contraes do presente numero da ILUSTRAÇÃO, reproduz a tela do sr. Albert Maigron, um dos mais notáveis quadros que este anno figuram no Salon de Paris que ha pouco se abriu.

O assumpto é altamente poetico e profundamente dramatico. Representa a grande situação da scena V do 5.º acto do *Romeu e Julieta* de Shakespeare, — não a situação tal qual ella foi concebida por Shakespeare, mas segundo a alteração scenica feita por Garrick.

O theatro representa os subterraneos do convento onde sepultaram Julieta. Romeu acaba de matar Paris em duello. E corre para ver Julieta no seu caixão e junto d'ella se matar, envenenando-se.

Quando elle, depois de contemplar no caixão aberto, bebe o veneno à saúde de Julieta, e depois se inclina para a beijar, para depor sobre o rosto da amante o ultimo beijo d'amor — reconhece que ella está ainda quente, que ella respira ainda.

Neste momento Julieta ergue-se lentamente do seu caixão, como um espectro. E tornando a si, reconhece Romeu.

Esta scena d'amor é uma das mais bellas da sublime tragedia.

Julieta quer fugir com o noivo da sua alma, mas Romeu usava-se pouco a pouco, o veneno exerce os seus effeitos terriveis, e depois d'uma rapida confissão d'amor, Julieta bebe na mesma taça onde Romeu bebeu a morte.

Não nos sobeja o espaço para podermos dar uma traducção da famosa scena V. Que os nossos leitores releiam a tragedia do grande poeta inglez — e assim poderão apreciar inteiramente com quanto sentimento o pintor francez reproduziu tão prodigiosa situação dramatica.

PHILIPPE D'ORLÉANS

O FILHO mais velho do conde de Paris, o principe Philippe, duque d'Orléans, que foi a Lisboa assistir ao casamento de sua irmã a princesa Amelia, conta dezesseis annos d'idade.

O moço principe é dotado d'uma notavel intelligencia. Apesar de manifestar uma grande disposição para as cousas d'arte e de litteratura, seu pae dirige a sua educação para o estudo das sciencias exactas: mathematicas, physica, geographia e historia.

O duque d'Orléans tambem frequenta a sala d'armas de seu pae, e toma muitas vezes parte nos assaltos que se dão no castello d'En. Para o principe é este o seu maior divertimento. Mas quando as notas de seu percepto esfragaceem um pouco, o Conde de Paris castiga seu filho não o deixando entrar nos assaltos com os convidados do castello, e não o deixando sair a passear ou para alguma caçada.

Esta doutrina mostra quanto severo é o pae da princesa Amelia na educação de seus filhos, que tem sido a mais sã e a mais escrupulosa.

CONCURSO DE CRENÇAS

A IDEIA é americana. Foi de America do norte que ella veio para Europa, implantando-se primeiro em Inglaterra. Foi ali que se realisaram os primeiros concursos de crenças. Depois a ideia atravessou a Mancha e temos hoje concursos de bôê em Paris. É de creer que amanhã a ideia rebente em Lisboa, tanto mais que a ILUSTRAÇÃO a apresenta ao publico, e que as ideias são como as epidemias atacando em pouco tempo todo um continente. Não viram o que se passou o anno passado com o cholera?...

— Em que consiste o concurso das crenças?

Em muito pouco, sem perigo algum para a delicada organização das crenças. A ideia foi primeiro muito atacada, quando a ideia appareceu no seu primeiro estado, rude, brutal, americano. Tratava-se de fazer um concurso de crenças e de se expor ao publico durante dias — como se fosse uma exposição de animaes castrados.

Mas Paris soube doirar a pilula americana. E hoje o concurso reduz-se ao seguinte:

Duodecimo dia de fevereiro d'este anno que todas as quintas feiras se reune em Paris um jury de medicos, para examinar as crenças que as mães quizerem mostrar aos seus doutores e que as mães consideram como verdadeiros modicos de saúde e robustez.

O bôê é examinado attentamente, depois pesado, e depois inscripto n'um registro juntamente com o nome e a morada do papá, da mamã ou da avó. A nossa gravura representa uma sessão do jury medico, no momento em que o jury inscreve tres crenças.

As inscripções já sobem a mais de duzentas. D'aqui a dois mezes realisar-se o grande concurso, e a este concorrer apenas os bôês mais classificados nas sessões ordinarias.

Os premios hão de consistir n'uma medalha d'ouro

que será conferida à crença mais bonita. Os paes poderão escolher entre a medalha d'ouro ou um premio pecuniario de 200000 reis.

Em seguida haverá uma outra medalha d'ouro para ser conferida à crença mais robusta. A esta medalha pode ser preferido um premio pecuniario de 100000 reis.

Outros premios serão conferidos a diversas categorias de concorrentes, como nos paes e mães que tivessem sido notados pelos cuidados e methodo que tinham seguido no tratamento das crenças e no melhor modo de as tornar robustas e fortes.

Como vêem pelo que deixamos escripto, o concurso, apesar de parecer eccentrico, nem por isso é menos sympathico. E se pensarmos serunamente um instante, havemos de reconhecer que é perfeitamente ridiculo que se façam concursos de animaes e que se confirmem premios ao expositor que apresentou o animal mais gordo ou o melhor apparelho para chocar ovos e criar pintos — quando ainda ninguém se lembrou de conferir um premio, como ao presente caso, à mãe ou a ama que mais intelligencia e mais cuidado mostrou na maneira de tornar formosa e robusta uma crença.

A occasião não pode ser melhor, sra. amadora do concurso. E fiquem certos que esta ideia que a ILUSTRAÇÃO hoje expõe é bem sympathica a bem mais estranha que muitas outras invenções modernas — como esta lingua *volapuk* que nos querem dar como lingua universal. O *volapuk* já viram maior semsaboria!

O ASSASSINATO DO BISPO DE MADRID

O DRAMA terrivel que constitue o assumpto do nosso desenho, revolucionou inteiramente a capital de Hespanha, no dia de Ramos.

Pelas dez horas da manhã, o illustre prelado descia da sua carruagem diante da cathedra de Santo Isidro, e subia os degraus do templo, quando o padre Galeoto disparou sobre elle tres tiros de revolver.

O bispo cahiu por terra, tendo recebido uma bala n'uma perna, outra nos rins e outra na região do fígado. Foi levado pelo povo para uma casa proxima do atrium da igreja.

Quando os medicos chegaram, chamados a toda a pressa, só se poudo verificar a excessiva e inquietadora gravidade das feridas.

O bispo que tinha conservado toda a sua razão conhecendo perfeitamente o estado em que estava, ainda teve forças para declarar que perdoava ao assassino.

Martinez Izquierdo, antigo bispo de Salamanca e primeiro bispo da nova diocese de Madrid, contava cinquenta e cinco annos d'idade.

Era um prelado d'uma grande virtude e d'uma grande austeridade, mas muito atacado por certas pessoas de Madrid acostumadas a certas liberdades e abusos que o bispo combatia inermemente. Tinha, por exemplo, prohibido a confissão a certos padres que elle entendia não possahem sufficientes garantias de moralidade e de instrução para exercerem este sacerdocio.

Orador eminente, tinha sido deputado por occasião da Constituinte e estava para ser nomeado senador vitalicio.

Os nossos leitores conhecem a historia desenvolvida d'este drama terrivel pelos numerosos artigos publicados nos jornaes. Escutando é pois contarelhes succintamente a historia das ameaças e cartas violentas que o assassino dirigia ao pobre bispo, antes de praticar o crime. O padre Galeoto tinha sido suspenso d'um lugar que exercia, e esta demissão tinha-o exaltado furiosamente, ameaçando todos os seus superiores.

O bispo de Madrid morreu ás cinco horas da tarde de segunda feira. A impressão que este drama de sangue causou em toda a Hespanha foi enorme, e não só os jornaes hispanhoes andaram cheios d'artigos sobre este crime, como tambem os jornaes italianos, francezes e portuguezes. Por que ha muito que se não assistia a um attentado tão inaudito, tanto mais que a victima não conhecia Galeoto.

MARGARIDAS

(NAS VARÍETES DE UM LIQUET)

Goethe no Fausto deu a Margarida
A Formosa, a Mocidade, o Amor,
Banhou d'uma inusitada e immensa vida
Aquella meiga flor.

Deus, porém, esse eterno Criador,
Lembrando uma tão stupida innocencia,
Muitos annos depois, cheio de amor,
Creou Vossa Excelleência.

JOAQUIM DE ARAUJO.



O ABBADE DE PUY-CHAPELLE

A CABO de vêr debaixo das minhas janelas um carrito puxado por um burro microscopico. Não dava dez passos que não tivesse de parar. Quando o vi, estava cheio de flores; meia hora depois, a carga tinha diminuido de metade. E preciso confessar que a vendedeira tinha tido a deliciada ideia de arrancar os ramos com flores dos campos: papoulas, malmequeres e gramineas secas. Um esquadrão de borboletas esvoaçava em torno. Talvez fosse uma deputação que os campos enviassem para acompanhar a partida. Os que passavam deixavam olhares cubicosos para o montão, e muitos suspiros iam perder-se nos bosques, para além dos muros.

Proximo do carrito passou um coche enfeitado de branco, levando o cadaver d'uma rapariga. Na frente ia um carro em que dormitava o clero. Trez bellos e robustos rapazes, os irmãos da defunta, provavelmente, seguiam o cortejo chorando. O mais velho amparava o mais novo; o outro caminhava de cabeça baixa, com o lenço entre os dentes.

Uma das borboletas foi dar fé da corôa de perpetuas que adornava o carro negro. Não se demorou por lá muito tempo. Assim que a reconheceu, levantou as azas e fugiu.

Os trez irmãos viram as flores do carro. A defuncta devia gostar d'ellas, porque os rapazes trocaram um olhar, e um d'elles, dirigio-se para o carrito. Comprou trez ramos e foi collocar-os sobre o caixão.

Acreditem-me se o quizerem, mas já não era o mesmo coche. O sol que estava escondido reapareceu, e o raio que encidia sobre o carro parecia dizer: « Ora graças a Deus, que já se pode descansar aqui em cima! »

Todos que passavam se descobriam diante d'aquella victima, em face d'aquella dôr. Pararam dois collegias. O mais novo ia para tirar o bonnet... O outro sustendo-lhe o braço:

— Que é isso? Pois vae descobrir-te diante d'essa podridão?...

O rapazito, envergonhado do seu bom movimento, disse tambem uma grosseria. E que desejava reacquerir a estima do seu companheiro.

E fiquei a olhar para aquelle ridiculo mentor de quinze annos, de cora pallida, de corpo franzino, e que, de cigarro ao canto da boca, tinha a grande coragem d'insultar um cadaver; e fiquei magoado e triste ao pensar que era isto, este insalubre germen, o germen do futuro. Ha assim aos milhões que, na idade em que os paes jogavam a barra e a malha e outros jogos de rapaz, fallam das « mulheres » com desprezo, tem por officio em nada crêr, affectam ter envelhecido prematuramente, e só imitam os nossos vicios.

Não são elles que nós devemos amaldiçoar; somos nós, que diante de Deus somos os responsaveis d'essas consciencias falseadas. Julgamos que podiamos impunemente brincar com tudo o que é respeitavel; cavámos em todos os alicerces, escarneckemos, vilipendiámos, desfigurámos tudo o que é sagrado; achámos divertido tudo negro, e demolidores inconsequentes, deitámos tudo por terra sem primeiro pensar no dia d'amanhã.

A morte é a porta do Nada. Murámos este ultimo asylo que outr'ora nos apparecia como um refugio; — quem nos ha de abrigar agora?

Nu terra tudo é grotesco, no céu tudo é deserto; — quem nos ha de consolar?

O tribunal de Deus já não existe, soffremos mil torturas, a terra pertence ao mais habil ou ao mais forte. Nós outros, os fracos, os opprimidos, que contávamos com Deus, — quem nos ha de vingar?

Seremos amaldiçoados pelos nossos proprios filhos, e teremos de curvar a cabeça, porque os despojámos de tudo que amparava e de tudo que consolava. E

SALON DE PARIS DE 1886



ILUSTRAÇÃO DE 1886 - 1.ª EDITION.

Ergue-te, ergue-te, ó minha Julieta! e d'esta terra de morte, d'este lugar
de horror, deixa-te arrastar nos braços do teu Bommo!...

O ACORDAR DE JULIETA

QUADRO DE ALBERT RUYON

hão de ser mais atrozados do que nós. Se nós pudessemos morrer ainda novos, para não virmos semelhante cousa!

O atheísmo, ou pelo menos, a indiferença religiosa, como a nodosa de azeite, ganha mais campo cada dia que passa. Até os campos já foram invadidos pelo flagelo.

Conheci em Puy-de-Dôme um grande burgo chamado *Puy-Chapelle*. Podiam ter-lhe suprimido a igreja, porque estava constantemente deserta. Pelos vidros quebrados entrava a herva. Se esta pobre planta não se tivesse collocado um pouco de trave, o côro teria sido inundado pelas chuvas. As aranhas não eram também incommodadas; engordavam tranquillamente no fundo dos confessionários, bordando rendas em todos os cantos. As que tivessem certo gosto pela meditação, podiam fartar-se à vontade.

O abbade morreu de miséria e de desgosto, como os seus antecessores, de modo que ninguém se lembrava de o substituir. Durante muitos annos a abadia estava só vazia, como a igreja. Junto de monsenhor de Clermont choviam os empenhos, para não se ser nomeado para Puy-Chapelle.

Apezar d'isso, um corajoso rapaz, antigo missionario e antigo capellão de regimento, acceitou este posto de combate.

Fez todos os esforços possiveis para chamar para junto de Deus as ovelhas ranhosas e para as purificar; mas o rebanho á porfia fazia ouvidos de mercador. Mas como o abbade Chalencón era um homem alegre, e não se fazia rogar para contar uma porção de historias sobre os paizes estrangeiros que tinha percorrido, e como tinha feito as campanhas da Crimêa, d'Italia, da China e a ultima também, sabem? — a maldita e terrivel campanha de 70, — como entorçava um bom copo, com mais perfeição que nenhum outro, toda a gente gostava de o ter por conviva, mas ninguém por confessor. Annunciou os mais appetitosos sermões, e pregou-os no deserto.

Foi elle mesmo que pôz os vidros que faltavam na igreja, tirando-o: das suas proprias janellas; lavou o soalho do côro; matou as aranhas que nada perceberam d'estes rudes ataques; mandou limpar as lampadas de *plaque* que adornavam o altar; caiu as columnas, o que tudo lhe levou cerca de trez mezes, durante os quizes o bom homem teve que supprimir um dos seus frugaes repastos. Era bem preciso subsistir a todas aquellas despesas.

Mas vendo que com isso nada conseguia, o nosso abbade disse como Mahomet, — quando o peccador não procura a igreja, é necessario que a igreja vá procurar o peccador. Fazendo outra vez de missionario, foi de casa em casa dizendo palavras sagradas. Recebiam-n'o bem, offereciam-lhe um lugar á mesa, que nunca acceitou, e durante um enorme mez, lavava a religião por casas particulares. Porém continuou a nada obter com essas exhortações.

Então encheu-se de tristeza; e fechava-se em casa, e só sahia para os officios. Chegou muitas vezes a pensar em escrever a Monsenhor pedindo-lhe que o substituisse, mas dizia ao mesmo tempo: « Se me vou, quem ha de querer tomar o meu lugar? » E ficava.

Mas como podem pensar, chegou a aborrecer-se.

A convivencia consigo mesmo tornou-se-lhe insufficiente. Lançou mão da musica e começou a estudar o *flageolet*. E aborrecia-se tanto, o pobre abbade, que estudava o instrumento com verdadeira raiva. Por isso não tardou a adquirir uma dextreza e talento extraordinarios.

De cada vez que escutava uma fantasia, quasi sempre de sua composição, porque a musica custa caro, (e é esse o seu unico defeito), o adro da igreja enchia-se de melomanos, e, como a vida do abbade era regada como um papel de musica, ás mesmas horas, cada qual trazia a sua cadeira e installava-se debaixo das janellas do presbyterio.

— Olha!... disse o abbade Chalencón, seria muito engraçado se eu reconduzia todos os meus desertores, ao som do *flageolet*.

E affixou á porta da igreja que só tocaria em honra de Deus; que todos os domingos e dias sanctificados, executaria á missa uma ária variada.

Acharam a ideia engraçada, e a primeira missa com musica do abbade Chalencón chamou uns vinte amadores. O peditório produziu 35 centimos.

O pobre cura nunca se tinha visto com festa igual. Somente, devo confessar-o, o officio acabou-se com a igreja deserta. Foi humilhante para Deus.

Bem!... disse consigo o abbade, vou-me arranjar d'outro modo.

E affixou debaixo do alpendre:

DOMINGO PROXIMO

ÀS NOVE HORAS DA MANHÃ

GRANDE MISSA COM MUSICA

As portas da igreja fechar-se-ão ás nove horas menos dez minutos

NO FIM DO OFFICIO

O abbade Chalencón executará no *flageolet*

A BOURRÉE DE CHAUVIGNY

D'esta vez encheu-se a igreja. O peditório rendeu 1 franco e 85 centimos. Houve uma pequena predica que foi dita com bastante recolhimento, e na qual o abbade achou meio de fallar ao mesmo tempo da Eucharistia, da poda das arvores de fructo, do Baptismo e da fertilisação das terras. Depois, quando tudo acabou, pôz em liberdade os seus fiéis.

Não chegou a passar um mez que a igreja não fosse já muito pequena. Podem julgar se o nosso cura era feliz.

Mas eis que é procurado uma sexta-feira á tarde, e pedem-lhe o obsequio de ficar em casa no dia seguinte, de manhã.

Uma deputação devia vir procural-o. O que era essa deputação? o que lhe queriam? e mil outras cousas perguntou elle; ninguém lhe respondeu.

O abbade não dormiu aquella noite. Antes do romper d'alva já estava de pé. Escovou a sotaína quatro ou cinco vezes, arranjou-se o melhor que pôde, limpou os moveis, pôz flores por toda a parte e esperou.

Às oito horas, a deputação entrou no presbyterio. Era composta de rapariguets de dezesseis a dezoito annos, todas preparadas como para uma festa. Cada uma, á entrada, entregava ao abbade: estas um ramo de flores de jardim; aquellas, fructos dos melhores dos seus pomares.

— Senhor abbade, disse a mais nova, nós vimos procural-o um pouco contra a vontade dos nossos paes, que pensavam que o sr. se offenderia com semelhante pedido. Nós sabemos todas que, apesar de padre, o sr. é muito boa pessoa, e que não leva a mal que as raparigas se divirtam honestamente. Então, nós combinámos vir pedir-lhe... o favor... de... se isto não o contrariar muito... de... de... de nos fazer dançar um bocudinho no domingo ao que som do seu *flageolet*.

— E não se enganaram, e estou á sua disposição, respondeu o abbade subitamente inspirado. Mas, todo o trabalho merece recompensa, e de certo não hão de querer que o nosso cura se faça menestrel pelo rei da Prussia. Vamos, se querem, ajustar as nossas condições. Confesso-lhes que me aborreço sózinho nas vespas, como não podem fazer ideia. Eu gosto da sociedade. Pois bem, minhas meninas, poderão dançar no domingo á tarde todos e todas me acompanharem durante os Psalmos.

Depois d'isto, tudo se passa em Puy-Chapelle com grande satisfação de Deus. Os sermões do abbade, despertaram muitas convicções adormecidas, e no domingo da Paschoa a missa sagrada estava cheia.

Tudo isto graças ao *flageolet*!

QUATREILLES.



NOTAS E IMPRESSÕES

O que é que distingue o homem do animal? A faculdade de fallar. Se o porco, por exemplo, pudesse dizer: Eu sou um porco — deixava de ser porco, e seria um homem!

×

A poesia é a expressão da virtude. Uma bella alma e um bello talento poetico são quasi sempre inseparaveis. A poesia vem apenas da alma, e tanto se pode manifestar por uma bella acção como por um bello verso.

VICTOR HUGO.

×

A musica é o mais caro de todos os ruidos.

T. GAUTIER.

×

O reconhecimento é semelhante a este licor d'Oriente de que fallam os viajantes, que só se conserva em vasos d'ouro; perfuma as grandes almas e azeda-se nas pequeninas.

J. SARDEAT.

×

Um visionario casado é um homem morto a bordo de um navio em tormento; os filhos são as barras de ferro que lhe amarram o cadaver para ir mais depressa ao fundo.

CAMELIO CASTELLO BRANCO.

×

A Fé condicional, nas almas nunca insurreccionadas, não é virtude: é uma emotividade passiva, um atavismo de temperamento, com habitos inconscientes como o instincto dos irracionais.

IDEM.

×

Ha tres especies de ignorancia: Nada saber, saber mal o que se sabe, e saber outra cousa que se não devia saber.

×

Ha uma regra para julgar os livros como os homens, mesmo sem os conhecer: basta saber por quem são amados e de quem são odiados.

JOSEPH DE MAIRVILLE.

×

Mirabeau comparava os francezes a estas creanças que semeiam e que, ao dia seguinte, vão rumecer na terra para ver se o grão já rebentou.

×

Gostar de ler, é fazer uma troca de horas de aborrecimento que se deve ter na vida, contra horas deliciosas.

MONTESSQUIEU.

×

A sciencia está acima de tudo quanto se possa imaginar de mais elevado.

MAXIMA ORIENTAL.

×

Os mandriões tem sempre vontade de fazer alguma cousa.

×

A modestia é para a virtude como um véo é para a belleza — augmenta-lhe o brilho.

×

Quando se depara com um estylo natural, fica-se surprehendido e maravilhado — porque se esperava encontrar um aucior e encontra-se um homem.

×

A alma da liberdade é o amor das leis.

KLOPSTOCK.

X

Em policia correcional:

— O juiz. — Accusado, onde passou a noite do dia 1.º de junho.

— O réu. — Sr. juiz, é um negrodo que eu não posso revelar. Vae n'isso a honra d'um mulher!

X

Os prazeres são vírgulas que separam as nossas dores.

X

O trabalho que dá o necessário, a philosophia que ensina a evitar o superfluo: eis as verdadeiras riquezas.

VOLTAIRE.

X

A tiraldez compôz-se do desejo de agradar e do receio de não ser bem succedido.

X

A verdade é como um grão imperceptível, vòi no ar e vae cobrir não se sabe onde. Enterram-na debaixo d'um monte d'estrouce; um bello dia ella surge como se fôra uma herba. Alguem que passa nota-a, apanha-a, e mostra-a a todo o universo.

A. DE MESSET.

X

Ha na mulher uma alegria ligeira que dissipa a tristeza do homem.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

X

O direito e o dever são como duas palmeiras que dão fructos, se não crescem uma ao lado da outra.

LAMENNAIS.

X



PHILIPPE D'ORLÉANS, FILHO DO CONDE DE PARIS.

Exame d'anatomia:

O professor. — Supponha que lho dos um pontapé... abulto dos rins. Quaes são os musculos que ostrain em movimento?

O alumno, serenamente. — Os do meu braço direito para lhe ferrar um murro.

X

A delicadeza é o caracter distincto dos homens d'espirito e da boa educação.

CUVIER.

X

Z... dizia mal d'um de seus amigos.

— Julgava que lhe eras obrigado?

— Quall! Ha tempos prestou-me um serviço, e verdade, mas depois recusou-me um segundo... Estamos quitos!

X

A amizade é como o bom café: uma vez frio, não se esquece sem perder bastante do seu primitivo sabor.

X

Quando a justiça desapareça, nada mais resta que possa dar valor á vida dos homens.

EM. KANT.

X

Se querem saber o que os homens pensam, não escutem o que elles dizem, e examinem o que elles fazem.

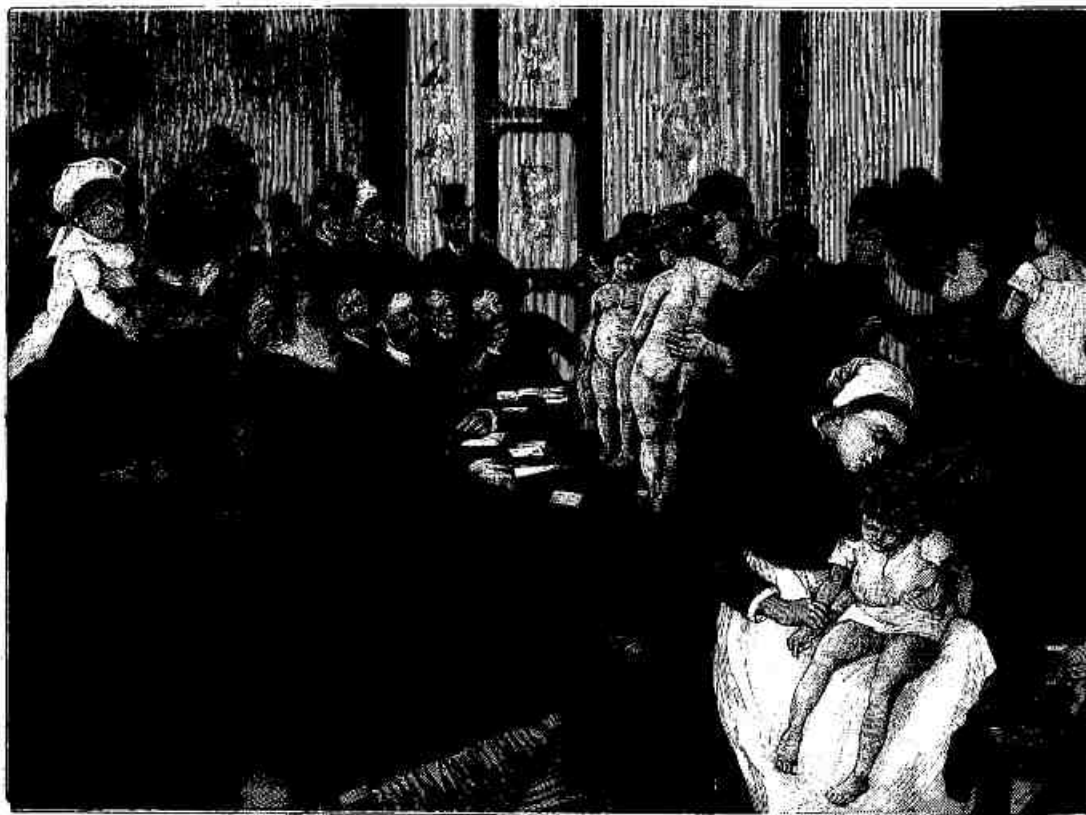
X

A primeira qualidade do homem é a constancia em supportar a fadiga e a privação: o valor é apenas a segunda.

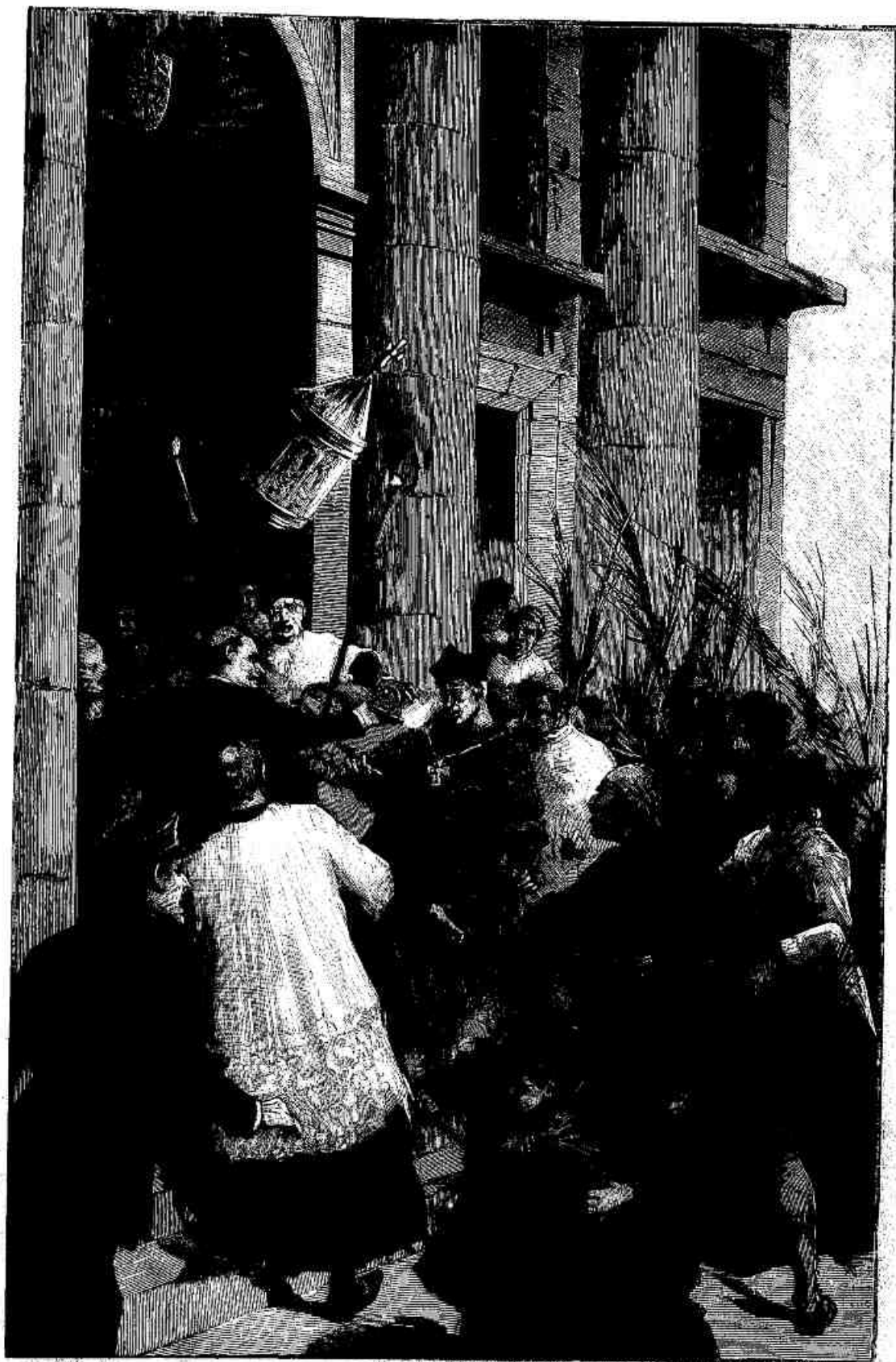
NAPOLEÃO I.

X

É preciso partir da bondade para chegar á justiça.



PARIS PITTORESCO — O CONCURSO DAS CRIANÇAS



O ASSASSINATO DO BISPO DE MADRID



BIBLIOGRAPHIA

UMA impressão estranha, intraduzível e doentia me causou a leitura do livro do sr. Monteiro Ramalho — *Histórias da montanha*.

Achamo-nos em frente d'um moço prosador dotado d'algumas boas qualidades de observação, d'uma tal ou qual vivacidade do talento, produzindo o livro mais melancólico que eu ha muito tenho lido. E é este o seu primeiro livro! É este o primeiro grito litterario d'um rapaz de vinte e tantos annos! Que tristeza que é a mocidade do meu tempo!

E contudo, o defeito capital d'este volume de contos está em bem pouca coisa — na preocupação doentia do auctor em fazer realismo.

Note-se que não é contra o realismo que é a marca de fabrica d'este grupo de dissidentes românticos à frente do qual se acha Flaubert — que eu me insurio. O que eu detesto é o « realismo português » dos novíssimos prosadores da minha terra, d'aquelles que, como o sr. Monteiro Ramalho, tem produzido o seu primeiro volume n'estes ultimos cinco annos.

Por um momento eu vi prestes a naufragar na mesma sensaboria e insensatez litteraria, um dos mais robustos talentos que ha pouco sahiram das escolas. Refiro-me ao nosso collaborador Filho d'Almeida. Mas estou certo que o seu primeiro livro a publicar, ha de ser um protesto energico contra esta sensaboria e esta banalidade naturalista que invadiu o espirito de todos os novos — que os torna ridiculos, quando elles tinham dotes para se tornar sympathicos.

Repto: o defeito capital do sr. Monteiro Ramalho no seu livro *Histórias da montanha*, é a visível preocupação que se reconhece no moço prosador de querer « fazer realismo ».

Hoje em dia em Portugal « fazer realismo » consiste em escrever um conto de cem paginas ou um romance de trezentas, onde não ha typos, nem dialogo, nem acção, e onde ha apenas descriptivos — paginas e paginas d'um estylo emphatico, enigmático, enfadonho, onde o auctor amontoa observações falsissimas e insignificantisimas, expostas n'uma linguagem que precisava ser corrida a pau.

E cada qual procura descobrir o seu truque, o seu effeito. O effeito inventado pelo sr. Monteiro Ramalho para dar originalidade ao seu estylo, é o emprego assiduo, impossivel, doído, furioso, dos adverbios que terminam em *mente*. Para elle não ha personagens, nem drama, nem comedia, nem dialogos. Para elle, escrever um conto, é um pretexto para metter adverbios.

Imaginem que estou brincando? Ora vejam a que trabalho me dei!

No conto *Em wagon ha quarenta e sete adverbios em mente*, e este conto tem apenas nove paginas, que illuminados os brancos a reduzem a seis aponas.

No conto *Amor*, pagina e meia, ha *treze*.

No conto *O soulo*, trez paginas, ha *quarenta e um*.

Em quatro paginas do conto *Rapaçada*, ha *trinta e seis*.

No conto *O Tunnel*, de trez paginas, ha *vinete e sete*.

Em quatro paginas do conto *Terrorres da noite*, ha *quarenta e quatro*.

N'um conto *Aos Ninhos*, de duas paginas, contei *desoito*.

Em trez paginas das *Voces Naturae*, *vinete e trez*.

E tem successivamente.

Mas os numeros não podem dar uma ideia exacta do que seja este estylo realista salpicado dos tais adverbios. Vou-lhes dar uma amostra. É um prodigio de melancolia:

Tambem, não tardou que se estendesse a dormir; e o sonho irritante apoderou-se d'elle então, envolvendo-o *documente* como que d'uma vaga casca de inconsciente e casual. *Primeiramente*, viu a um esfumado de tintas mysteriosas, um bando de bellas raparigas, todas suas conhecidas que o rodeavam com interesse, e de repente, sem palavras, se puzeram a sorrir para elle *galanteamente*; depois, os corpos foram-se definindo, algumas vestiram-se *silenciosamente* jauto d'elle; — sob aquella mesma carvalheira, — e encheram-no d'uma natural estupefacção quando começaram *rapidamente* a

desnudar os justos corpetes brancos, mostrando *exuberantemente* os largos peitos, e deslumbando-o com a fortuna fabulosa d'uma inexpressa exhibição de bellas cellinas leitosas, *atrahelemente* aguçadas em botões rosados. Fingiam catar alguns pequeninos e vivos insectos; mas elle bem notou que ora *findo* *disfarçadamente* pelos seus olhos luzentes que desafiavam, e de espantado ia-se tornando *explosivamente* alegre, quando as outras raparigas se assentavam tambem, e arregaçando *desavergonhadamente* as saias, dançaram a coçar *longamente* as lortas pernas nuas.

Passemos adiante. A scena vai-se tornando perigosa...

Como vêem, o estylo é assombroso de melancolia. Desengraçado, pesado, macambuzio, nada tem que nos interesse — nem sinceridade, nem expositividade, nem pittoresco. E depois os adverbios — Deus do céu! os adverbios! Tal é a modernissima prosa dos *realistas* portugueses.

Leiam mais um trecho, extrahido ao acaso:

Cambaleante, *vinamente* quillado por se lho desengonçarem as pernas amolecidas, tropeçando uma na outra, o Zé rosnava sardas palavras rouquejantes, berrava grosseiras pragas quando, vendo todas as coisas em roda dançando *traçicamente*, procurava ter-se em pé agarrando-se *precipitadamente* a qualquer muro ou tapado salvador. Ao dobrar *trabalhosamente* uma volta rapida do caminho, esmoreceu pelo grande vulto sobranceiro d'uma cordelira, o borracho, alegrára-se todo, *explosivamente*, por avistar já ao longe a sua casinha calada, alvejando o coizo que sorrindo-lhe *galanteamente* em frascas graças de nuvola d'entre uma escura massa d'árvores; mas no mesmo momento, alguma coisa se esgueirava *velocemente* por diante dos olhos do assustado Zé, e era enseguida e vacillante sob uma desconhecida indefinida que elle continuava avançando, a custo, sentindo uma ansiedade commovente *misturadamente* com o peso estonteante do vinho.

Mais adiante, estacou, apavorado d'um espanto. De feto, surgiu *subitamente*, pouco distante dos seus pés, um monstro negro *princionalmente*...

Seria um nunca acabar! Em media, são uns dez adverbios por pagina. Seria preciso que eu lhos transcrevesse aqui umas dez paginas segudas, salpicadas d'esses cem ou cento e vinte adverbios, para avaliarem a fundo que impressão dolorosa e doentia nos deixa a leitura d'um tal estylo, principalmente quando por dever, fatalmente, como eu, infelizmente, se é obrigado, imperiosamente, a ler um tal livro attentamente!

Depois ha phrases que me ficaram de cór, tão estapafúrdias ellas são. Saboreiem:

- *Avultamento nebuloso de apparição fantasmática.*
- *Labregos escocçados n'uma causticidade laput.*
- *Velhos labios encanudando-se gulosamente.*
- *Inclenencias ativas de dentes de serra.*
- *Areolas esfarrapadas.*
- *Exotica mancha de qualquer soalhada povoação sahariana.*
- *Um cuco encaludado escudicava a sua torpe canção bucolica.*
- *Accidentações mullagosas de terrenos incultos.*
- *O cecogoso ar.*
- *A vaga plangencia tintinnabulante dos rotos chocelhos d'uns machos d'almocreve.*

Parece uma mistura de *portuguez* e de *volapuk*. É uma coisa horrorosa, e tanto mais horrorosa, quanto vemos através d'esta balbúrdia, d'este desconchavo, d'este aborto, d'esta prosa sem igual no paiz do absurdo e da sensaboria, um talento que se perde, um talento juvenil que poderia produzir alguma coisa agradável e sympathico se não fosse esta preocupação de ter um estylo como mais ninguém tem.

É felizmente que assim é. Imaginem por instantes que esta moda pegava, ou antes, que esta epidemia se desenvolvia. Nem eu mesmo faço ideia do que seriam as letras patrias. Nós que já temos que lutar com as tralicações do nosso velho estylo de convento, ainda por cima sobrecarregados d'esta moderna algaravia — nonda iamos nós parar, ó Deus piedoso!

Creia o sr. Monteiro Ramalho que me é doloroso ter de annunciar d'este modo a apparição do primeiro volume d'um jovem escriptor que eu sei que muitos admiram, pelo menos em publico. Mas sinto que é um dever de critico significar-lhe a minha tristeza, depois d'uma demorada leitura.

O seu livro é impossivel, é absurdo, é chinês. Todas as qualidades boas que se adivinham em cada conto, são estranguladas pelo seu estylo odioso. No dia em que o sr. Monteiro Ramalho atirar pela janella fóra com semelhante estylo; no dia em que elle se der ao trabalho de ver que o *realismo* é outra

coisa, é exactamente o contrario do que elle pensa que o *realismo* é; no dia em que elle nos seus contos nos mostrar que tem um assumpto, um enredo, uns typos o uns typos que fallam — n'esse dia eu garanto-lhe que todos os escriptores o hão de applaudir ás mãos abas.

O sr. Monteiro Ramalho tem na sua mão a vida ou a morte do seu talento. Continuando a escrever *Histórias da montanha*, mata-o. Desembragando-se de todos esses lugares communs, de toda essa quinquilharia rhetorica, de todo esse estylo de mau gosto — viverá para a litteratura, fazendo obras sympathicas e artisticas que nós applaudiremos com entusiasmo.

Hervas — tal é o titulo ao qual estão subordinados os versos originaes de Coelho de Carvalho, escriptulosamente impressos na typographia elzevriana de Lisboa, e editados por Alberto d'Oliveira.

É a unica coisa má que eu encontro n'este elegante volume que procura aproximar-se do estylo das edições Lemerre, de Paris — é o titulo. Acho-o feio, de mau gosto, d'uma modestia postiga e convencional. Que os rapaziños de vinte annos andem esgaravando pelos dictionarios, em busca de nomes sufficientemente vãos e estapafúrdios para titulos dos seus primeiros livros — vá. Mas Coelho de Carvalho — e com que prazer o digo! — não está n'este caso.

Coelho de Carvalho — que eu creio achar-se a estas horas para as bandas do Oriente, talvez mesmo ás portas d'este Pekim das torres de porcelana vendo chegar o curioso bando das filhas dos grandes rabi-chos e dos grandes mandarins do imperio que vão á capital fazer concurso para noiva do moço imperador — Coelho de Carvalho é dos poucos rapazes do nosso tempo que tem sabido salvar-se d'uma certa banalidade ou antes d'um certo desleixo litterario, que faz com que os talentos novos se estereilem depois de terem adquirido uma falsa reputação de genios.

Este é o mal, e a unica origem de tanta sensaboria tanto estacionamento litterario. Um rapaz escreve dois folhetins soffivelmente alinhavados — é um talento. Escreve mais dois folhetins ainda soffivelmente alinhavados — é um talento brilhante. Escreve mais dois folhetins ainda e sempre soffivelmente alinhavados — é um illustre escriptor. E pega n'essa meia dúzia de coisas alinhavadas, e encontra um editor para publicar as coisas em volume, e o volume é posto á venda, e os jornaes dizem — é um genio! E dois annos depois, o rapaz enfatuado está perdido para as letras, de tal modo elle cre que o paiz inteiro está suspenso dos bicos da sua penna...

Ora Coelho de Carvalho é um dos raros rapazes que sabia rir e trocar da *réclame* indigena, um dos raros que tem sabido pôr-se de pé átraz e se não deixam adormecer á sombra d'esses louros cuja sombra não chegaria para refrescar um mosquito.

É poeta por defasito e por diletantismo. Não quero dizer com isto que seja um mau poeta. Sómente não tomou a serio o « officio », não fez da poesia a sua arma e a sua fama, como os poetas que se chamam Junqueiro, Gonçalves Crespo, João Pezha, e outros.

Coelho de Carvalho tem sido successivamente poeta, janota, e hoje é simplesmente um burocrata, talvez vexado de ter sido poeta: Porque dedica o seu livro ao sr. Silveira da Motta, não se esquecendo de escrever por baixo d'este nome: *Vice-presidente da Academia Real das Sciencias*, o que me dá a perceber que o poeta tem mais empenho que o seu livro seja lido pelo *Vice-presidente*, do que pelo amigo. Ou não?...

As *Hervas* abrem por uma dedicatória *Aos meus amigos*, entusiastica e brilhante, apesar de trazer impresso um reflexo, ainda que vago, d'uma dedicatória do mesmo genero que se encontra ao abrir da *Musa em Férias*. E que este diabo de Guerra Junqueiro, este grande artista, não só torna inolvidavel o seu verso pela força da originalidade e da inspiração, mas até obriga os poetas contemporaneos a beberem nas suas poesias a inspiração para futuras obras.

O que mais me agrada no livro de Coelho de Carvalho — é a ausencia de *pesimismo*. Eu estou tão farto de ver os mancebos do meu tempo n'uma choradeira pegada de alexandrinos podirem a soluçar o isolamento e a paz do tumulo, que fico deveras contente ao ver um poeta exclamar:

*Oh viva mocidade! Oh luminosos dias!
Evangelhos d'amor, de ríços, d'alegria!*

Ora ainda bem. Estou com o meu homem. Ainda bem que não vou ler lamurias. Que abro um livro

onde encontro quadras como estas que fazem parte do Poema da Carne:

As vezes quando beijo as tuas brancas pernas,
Seguinto a curvatura e tenho veia aqui;
E aspiro as virtudes e cabulos aromas;
Que espalham em redor como um país do sul.

Eu julgo que o teu sangue afeta d'ambrosia,
Que não beijo d'amor um deus em ti expargiu;
Is o tipo ideal da graça e da harmonia,
Marmore esculpido que a vida colou!

Is Diana ao embalar nas cerejas ondinas
As formas virgíneas de mítica fulgor;
Ou Vênus, que do sahir das vagas orizantinas
No teu flandio seu talhe em gemitos d'amor.

Nem sei que existes só, á agonia dos desejos,
No coto do teu olhar d'onde a aurora nasceu;
Embora! eu mereço amar-te nos teus beijos!
Abre-te! aqui me tens; eu sou o firmamento.

Não é só o Poema da Carne que constitue o interesse capital do livro d'este maualegre companheiro d'antigos noites do Grémio, quando um grupo de rapazes se reunia ali, ou no restaurante do Augusto, sob a presidência de Eça de Queiroz, nos mezes de férias do seu consulado de Bristol. A *Historia simples*, dedicada a Bulhão Pato, é também uma pagina superior, como a *Carta aos Ingenhos*, a *Transfiguração*, a segunda parte do livro que contém a tradução do *Canto dos Canticos*, e o *Mongue e o menino*.

Eu quize transcrever algumas paginas. Mas isso seria roubar aos meus leitores o encanto que se experimenta ao ler pela primeira vez o volume d'uma poesia elegantissima, apenas apreciada n'uma roda d'amigos. O grande publico não o conhece. Pois deve lê-lo. O livro não encerra a manifestação d'um genio. Mas como os genios são raros, creio que é grato o travar relações com um talento distincto, num momento em que os novos talentos tanto a pouco toem ser grosseiros, snobes ou melancolicos.

Coelho de Carvalho protesta com o seu livro contra este rumor que corre, de que a Banalidade é a rainha d'hoje. Is o é o bastante para oprimirmos e para o applaudirmos.

PICASSO,



MEMENTO

Um bom meio de conservar maçãs e metel-
as enterradas com areia dentro de barricas.
Para esse effeito emprega-se a areia que se
faz secar durante o verão e com que se
então o fundo d'uma barrica. Depois collo-
cam-se a primeira camada de maçãs, e em seguida nova
camada d'areia. Assim successivamente até que a barrica
fique cheia até acima.

Este methodo tem a vantagem de livrar esta fructa do
contacto do ar e mesmo da humidade. A areia espalhada
entre as maçãs absorve mesmo a propria humidade
d'esta fructa, conservando-a no entanto fresca e com
tudo e aroma, o que já não succedea se as maçãs estivessem
ao ar. Nesta maneira podemos conservar mazas
e mozas este fructo.

Isa pouco mais ou menos o custo d'um pomal.
Um pomal com 800 pomboas custa 800 francos ou
128,000 reis. E de de incorrer 40 francos ou 7,200 reis.
Cada colar faz a despesa annual de 310 reis em incho.
Não contamos as despesas com outros alimentos, agua
e limpeza do pomal. Mas regulando a venda dos bor-
rachos, pomboas d'estimação e pomboas para criação,
n'uma media de 2,100 francos ou 378,000 reis, ainda os-
sim mesmo, um pomal com 800 cascos dá um lucro
de 1,000 francos aproximadamente.

E por isso que abundam tanto os pomboas em França
e no Egypto. Convm notar que todas essas colinas que
actua deixamos apontadas se referem á França e em es-
pecial a os arredores de Paris.

A Califórnia exporta para a Europa grande quantidade
d'ossos d'animas que são empregados em cubos de fa-
ca e em outros objectos do mesmo genero. O seu custo
é de 16,000 reis a tonelada. Os ossos das costellas ser-

vem para as escovas de dentes e os ossos das pernas são um
prezado na confecção de botões e cubos de sombrinhas.
Os pequenos ossos dos animas são queimados e são
usados na clarificação do azeite. A gema onde se cose
os ossos é utilizada para fazer colla.

N'um congresso d'empregados dos caminhões de ferro
realisado em Leicester discute-se o engatamento dos
wagons e os meios de prevenir os accidentes tão fre-
quentes n'esta manobra.

Durante o anno de 1884, morreram na Inglaterra 134
homens e ficaram gravemente feridos 1,365 na manobra
de engatar os wagons.

Uma cuezão estatística sobre a Uruguay:

A superficie d'esta república americana é de 187,000
kilometros quadrados e a sua população é de 1,400,000
habitantes dos quaes 300,000 são naturaes e 1,100,000 ex-
tranqueiros; — d'estes ha 40,000 hespanhoes, 36,000 ita-
lianos, 15,000 francezes, 2,800 inglezes e 2,000 al-
lemães.

A capital conta 125,000 habitantes dos quaes 45,000
são extrangeiros.

A principal industria consiste na criação do gado que
numeroso — 80 milhões de carneiros, 8 milhões de
bois e 1 milhão e 500,000 cavallos.

A lá expedida para a Europa em 1884 foi em kilos
de 10 milhões 800,000, n'um valor approximado de 30 mil-
hoes de francos ou 6,400 contos de reis.

A França importa do Uruguay lá, carneis salgadas
e conservas em latas.

Um novo carvão, vindo da Australia e importado na
Europa, é disalhado nas fabricas do gaz da Hespanha e
de Alemanha e o seu emprego tende a generalisar-se. É
superior ao da Escócia.

Um relatório do consul da Belgica em Barcelona assigna-
na a impossibilidade que pode ter este producto, de fu-
turo, na Europa.

Este carvão duro e compacto é um bello complement-
o para as cascas de lauro para os navios que tomam
mercadorias ligeiras.

O movimento da população nos grandes estados da
Europa é o seguinte:

Na França, a população em em 31 de dezembro de

EXPOSITION UNIV^{rs} 1878
Médaille d'Or
LES PLUS HAUTES RECONPENSES

OLEO DE QUINA

E. COUDRAY

ESPECIALMENT RECOMENDADO PARA A DORRÊNCIA DO COTIZO

Recomendamos este preparado,
consistindo pelas celeberrimas raizellas,
pelas suas propriedades de quina,
com o mais poderoso e agudo adoro de quina.

ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA DE LACTINA

Recomendamos pelas celeberrimas raizellas,
GOTAS CONCENTRADAS para a tosse,
AGUA DIVINA para a tosse, etc.

ESTES ARTIGOS ADAM-SE NA FABRICA
PARIS 13, rue d'Angien, 13 PARIS

Depositos em todas as Pharmacias,
e Cabelleiros da America.

MOLESTIAS DO ESTOMAGO

DIGESTOES DIFFICILES

ALIAS: VOMITOS, OPRESSÃO, ACIDIDADE,
QUINA, DORRÊNCIA, E ALIAS COM O

ELIXIR GREZ

Cherry-Populo

TONICO-DIGESTIVO

Composto de Quina, Coca e Populo

RECOMENDADO POR TODOS MEDICOS

PARIS 13, rue d'Angien, 13 PARIS

EN TODAS AS PHARMACIAS

NOVAS SORVETEIRAS TOSELL

Unico aparelho de familia
Recomendado pelo Jury
da Exposição Universal de 1878

Para gelar os líquidos e produzir
sorvetes empregando misturas inofen-
sivas. Esta machina d'uma simplici-
dadissima e a mais econômica
torres realizadas com uma economia
de energia e uma promptidão
incomparavel. — 188, Rue Lafayette.

J. BUSTIN SR, 5, Boulevard de la Chapelle, PARIS

PARIS

Grands Magasins du Printemps

AVISO

Com o fim de facilitar as relações com a nossa
frequente, fundamos um

Escritorio de Reexpedição

em Lisboa, 162, Travessa de S. Nicolao, 1.
este escritorio cuja direção confiamos a um dos
nossos mais antigos empregados, sem unica e
somentu encarregado do despacho n'Alfama, e da
lida, prompta e rapida reexpedição das nossas re-
missões. Desde já podemos assegurar a nossa
Clientella, que não haverá mais atrasos na
entrega das fendas.

Todos os nossos catalogos e amostras dos
principaes tecidos estão papeados no mesmo escrip-
torio, para quem os quiser consultar.

Em vista do que acima declaramos ficam informados
os nossos frequentes que os Srs. Acciazo, PINTO e
LUNARD, 115, Rua dos Relojeiros, deitaram de ser
nossos agendos reexpedidores.

SAHIU A LUZ

o magnifico Album Illustrado contendo
54 gravuras molles lindas para a coleção
de livros e cuja remessa é feita gratis e franco de
porte, a quem fizer o pedido franqueado ao

MM. JULES JALUZOT & C^{os}
PARIS.

Igualmente enviamos franco todos as amostras que
contem as grandes novidades do PRINTEMPS.
(Bem especificar as quantidades e os preços).

Remessa para todos os países do mundo.

MEDALHA e DIPLOMA de HONRA

OLEO DE FICADO DE BACALHAU
BRANCO LOIRO
FERRUGINOSO
40 ALCATRÃO
de CHEVRIER Paris

Recomendado por todos os Medicos e Químicos
e por todos os Pharmacos e Químicos de Paris

Recomendado por todos os Medicos e Químicos
e por todos os Pharmacos e Químicos de Paris

Recomendado por todos os Medicos e Químicos
e por todos os Pharmacos e Químicos de Paris

DAVID CORAZZI — EDITOR

AS DUAS

FIANDEIRAS

por

F. GOMES DE AMORIM

Romance de
costumes populares

Preço 600 reis lutas

A' venda na Rua de Atlaya,
40 e 42, Lisboa.

DAVID CORAZZI — EDITOR

DEPOSITO

CASA EDITORA DAVID CORAZZI

153, Rua dos Retrosolares, 153

Venda de todos os livros e jornais publicados e em
publicação n'esta casa.

Toma conta de quaisquer trabalhos de typographia,
sitographia, diagrama e encadernação.

Centro de assignatura e distribuição.

1866 de 36.594.836, e em 31 de dezembro de 1881 de 37.406.290 pessoas; havendo por consequência um aumento anual com a média de 0,15 o/o.

Na Itália o recenseamento de 31 de dezembro de 1871, dava 24.801.184 e o de 1881 dava 28.452.451, — por consequência uma média anual de 0,60 o/o.

O recenseamento da Inglaterra, Escócia e Irlanda, em abril de 1851, dava 31.817.108 pessoas e o de abril de 1881, de 35.172.176, havendo portanto um aumento anual d'uma média de 1,01 o/o.

Na Rússia da Europa em 1885, a população era de 71.195.394 pessoas, em 1890, de 85.058.424, o que dá uma média d'aumento anual de 1,38 o/o.

Na Áustria-Hungria havia em 31 de dezembro de 1880, uma população de 35.490.435 em 31 de dezembro de 1886, havia 36.882.712 pessoas — a média anual foi de 0,49 o/o.

A população da Prússia cresceu de 1880 a 1885, 3,79 o/o, e este aumento é inferior ao do período antecedente. Depois do ano de 1867 a população d'este país augmentou com 4,292.392 pessoas.

Este movimento da população nas sociedades capitalistas produz-se nas condições mais desastrosas por causa da situação económica dos trabalhadores. Estas condições determinam cinco grupos de phenomenos sociais que são:

- 1.° Diminuição da longevidade media;
- 2.° Augmento da mortalidade das crianças;
- 3.° Diminuição na castidade;
- 4.° Augmento das doenças profissionais e mentaes e alcoolismo;
- 5.° E por fim, o augmento da criminalidade, em especial os crimes da miséria.

Desembriar-se ha pouco em Lyon um novo processo de fabricação d'assucar que irá desterrar a bataterra e mesmo a cana exportada do Brazil. É o assucar fabricado com batata.

Até hoje a batata só fornecia a glucose. Mas por meio da electricidade chegou a extrahir-se-lhe além da glucose, o saccharose ou assucar crystallizavel, identico em tudo ao que até hoje produzia a bataterra e a cana.

É bastante interessante a estatística publicada ultima mente numa revista franceza sobre os estrangeiros no Rio de Janeiro.

A colonia mais importante, em numero e em capizes, é a portugueza. A colonia franceza tinha assignamento o monopólio de commercio de luxo, mas hoje passou para as mãos dos portuguezes esse monopólio.

Em 1881 havia no Rio 63.000 estrangeiros dentro da cidade e 3.000 nos arredores.

A estatística, em numero redondo, é esta:

Portuguezes.....	52.000
Francezes.....	3.000
Italianos.....	1.800
Allemaes.....	1.300
Espanhoes.....	1.500
Inglezas.....	1.000
Chinezes.....	200
Outras nacionalidades.....	2.000
	63.000

Desde essa data a população devia ter augmentado. Mas como não existem estatísticas officiaes não podemos dar uma conta exacta.

O sr. Viacomo de Wildick diz que o numero mais aproximado dos portuguezes existentes no Rio de Janeiro em dezembro de 1884 era de 70.000, sendo 60.000 dentro da cidade e o resto nos arredores.

A colonia franceza tem diminuido, mas a italiana tem augmentado consideravelmente.

Em resumo, não nos afastando muito da verdade, podemos avaliar a colonia estrangeira no Rio de Janeiro, em data de 1.° de Janeiro de 1885, na somma fixa de 85.000 pessoas, isto é, um terço da população da cidade. O numero de escravos existentes na capital, em principio do anno de 1884, era de 30.000.

Da conferencia realizada esta vez na Associação Scientifica de França, pelo illustrado sabio Pellat, sobre *machinas electricas antigas e modernas*, extrahimos este trecho, em que o conferente dá uma definição da machina electrica.

« É um apparelho capaz de separar a electricidade positiva da electricidade negativa e de recolher cada uma d'estas electricidades em dois conductores distinctos chamados os *polos da machina* ».

« Eu digo separar as duas electricidades e não crear electricidade. Com effeito não se cria a electricidade. Todos os phenomenos electricos actualmente conheci-

dos se explicam, admitindo que a Natureza encorra uma quantidade invariavel da electricidade positiva a uma quantidade invariavel da electricidade negativa — tal é em principio o que é a *conservação da electricidade* ».

« Duas características podem servir para indicar a potencia d'uma machina electrica ».

« A primeira vem a ser, a quantidade de electricidade produzida num tempo determinado, num minuto por exemplo. Se nos servirmos d'uma machina para carregar uma bateria de garrafas de Leyde, quanto mais a quantidade de electricidade, *(consoante da machina)*, for consideravel, mais a bateria será rapidamente carregada. Se reunimos os dois polos por um fio metalleo, da maneira que as duas electricidades se possam combinar atravez d'esse fio, produzindo a *corrente electrica*, essa corrente será tanto mais intensa, os seus effeitos serão tanto mais energicos, quanto a quantidade electrica da machina for mais consideravel ».

« A segunda caracteristica é a extensão maxima da acceitilha que pode brilhar entre os dois polos collocados a uma certa distancia um do outro, ou para empregar uma volva expressão, hoje, em desuso, a *instituição* de electricidade accumulada sobre cada um dos polos ».

« Estas caracteristicas permitem dividir as machinas electricas em dois grupos: as *machinas electro-staticas* que podem dar chummas extensas, mas que tem uma fraca quantidade electrica; e as *machinas electro-dinamicas*, que tem grandes quantidades electricas, mas que dão chummas muito fracas ».

EXPEDIÇÃO DISCRETA

A PASTA EPILATORIA DUSSEY, cujos meritos e efficacia nós temos indicado por varias vezes, é expedida franco de porte em todo o Portugal, com toda a descripção desejada, em troco d'um vale de correio de 20 francos dirigido ao inventor, Mr. Dussey, 1, rue J.-J.-Rousseau, Paris. Para um ligeiro buço, basta uma caixa de 10 francos. (Acrescentar 1 franco e 75 centimos para o porte do correio.)

Paris

CUTIS DO ROSTO

— LAIT ANTI-PHLOGISTIQUE —

O LEITE ANTEPHELICO

para os milturados com zuga, dielipa

SARDAS, TEZ CRESTADA

PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS

ROSTO SARABULENTO

E FARIÑAMENTO

RUGAS

limpa e conserva a cutis liza e clara

CANDLES & C^o

21, St-Basile-28

Academia de Medicina de Paris

OREZZA

Agua Mineral Acido-Ferruginea.

— Esta Agua não tem rival no Tratamento das Gastralgias, Chloroses, Febres, Anemias, e no de todas as doenças provenientes da EMPORACIMENTO DE SANGUE

DIGESTORES ARTIFICIAES

VINHO

DI-DIGESTIVO DE

CHASSAING

com

PEPSINA E COM DIABASE

Agente natural e indispensavel da DIGESTÃO

20 annos de successo contra os

DIGESTORES OFFICIEIS OU INCOMPLETOS

NALES DO ESTOMAGO

DIPEPSIAS, GASTRALGIA

PERDA DE APPETITE, CHAS PONTAS,

NAUSEA, CONSUMO

CONVALESCENÇAS LENTAS

VOMITOS, etc.

Paris, 6, Avenue Victoria, 6, Paris

acha-se em todas as principais Pharmacias.

CALLIFLORE

Flor de Belleza

PÓS ADHESIVOS & INVISIVEIS

Gracia no novo modo porque se empregam estes póz commoção ao rosto um maravilhoso e delicado belizante e detem um perfume de estyquia suave.

Além das bençãos de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes. Rubel e Rosa, deus e mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a que mais lhe convenga ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina & Glycerina

Este excellente Cosmetico branqueia e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respecta ás mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FABRICA & EXPEDIÇÕES: 18, AVENUE DE L'OPÉRA

8 nos suas Sete Casas de serviço por minuto nas battoirs mais ricos de Paris.

OPPRESSÕES

ASTHMA

NEURALGIAS

— CATARRHOS, CONSTIPACÃO

Aspirando e fuzmo, penetra no peito, calms o systema nervoso, facilita a expectoração e laboros os movimentos dos orgaos respiratorios.

(Exigir a assignatura: J. ESPIC.)

Venda por mailer 120, rue Brim-Lesano, Paris.

21 as principais Pharmacias de Portugal: 2 fr. a caixa.

ALIMENTO PARA AS CRIANÇAS

Alimento das senhoras e das pessoas jovens.

PARA fortalecer as Crianças e as pessoas fracas de peito, de estomago, os que sofrem de Chlorose ou d'Anemia, e nellos e a mais agradável alimento é o **MAGNOLIT** dos **ARABES**, alimento salubre e reconstituinte de **DELAUNGLERIE**, de Paris. — Depozito em todas as Pharmacias do Brazil.

A MODA ILUSTRADA

JORNAL DAS FAMILIAS

Escreito em portuguez, contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, applicações e desenhos de bordados, moldes de tamanho natural, trabalhos de agulha, romances, chronicas, bellas artes, enygnas pittorescos, litteratura, etc., etc.

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Preços em Portugal

Primeira edição: anno, 45000; semestre, 23100; trimestre, 13100; avulso, 200.

Segunda edição: anno, 38000; semestre, 18600; trimestre, 830; avulso, 200.

Preços no Brazil

Corte: Anno, 125000 réis; semestre, 75000 réis; avulso, 600 réis.

Provincias: Anno, 115000 réis; semestre, 85000 réis; avulso, 600 réis.

6.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

Residem as assignaturas em Lisboa, na casa d'ellas **David Corraez**, Rua de Alameda, 40 e 32. — No Rio de Janeiro, na Filial da mesma casa, 40, Rua da Quitanda, sobrado, e em casa dos seus correspondentes.

XAROPE

Pilulas Rébillon

Com FOSPHATO DUPLO DE FÉRRICO e QUININA

Efficacia certa na Chlorose, Flores brancas, Supressão e desordens de menstruação, Doenças do peito, Dóres de estomago, Gastralgia, Rachitismo, Escrofulas, Febres simples, Doenças nervosas.

He o unico remedio que se deve empregar com effeito de qualquer outra substancia.

Ver o folheto que acompanha cada frasco

Venda por atacado em Paris: 1

CH. VIMARD & PETIT, 4, rue de Paris-Royal

Depozito no Rio-Janeiro e nas Provincias, em todas as Pharmacias e Droguarias.

JOAQUIM DE ARAUJO

LYRA INTIMA

UM VOLUME DE VERSOS

Edição de luxo e elegantissima

Preço 800 réis fortes

A venda na Empresa Horas Lomantica, Rua de Alameda, 32, Lisboa.

CONTOS INFANTIS

PREMIOS PARA CRIANÇAS

O JANTAR DOS TÓTOS

Com 6 chromo-typographicos

O PINTARROXO

Com 6 chromo-typographicos

Preço de cada folheto, 200 réis fortes

A venda na Empresa Horas Lomantica e nas principais livrarias.